

Acordo de paz angolano pode ser modelo para Moçambique

Séc. Jb. 26/6/89

— declarou Chissano, ao regressar do Zaire

Os resultados da cimeira de Gbadolité sobre Angola poderão ter «alguma influência» em Moçambique, se a Renamo aderir ao programa de paz do governo, baseado na amnistia, declarou em Maputo o presidente Joaquim Chissano.

O chefe de Estado moçambicano declarou sábado, no regresso do Zaire, que o seu governo está na disposição de «seguir este caminho desde que se renuncie à violência e se reconheça a ordem existente».

Isto não significa que essa ordem «não possa ser modificada», prosseguiu Chissano, mas a modificação deve processar-se no espírito de unidade e não com base em «pressões com apoio de interesses alheios» aos anseios do povo moçambicano.

O presidente Chissano acrescentou esperar que, «da mesma maneira que a UNITA colaborou para se alcançar a paz em Angola», a RENAMO também colabore com o governo moçambicano para «criar a paz e normalizar a vida de todos os cidadãos» no País.

«Espero que aqueles que hoje combatem o Governo moçambicano e a população, com os subsequentes massacres e a destruição da economia, metam a mão na consciência», frisou.

Para Joaquim Chissano, os resultados da cimeira de Gbadolité foram consequência do «amadurecimento das condições objectivas», após o desaparecimento gradual de grande parte dos «factores externos que exacerbavam o conflito».

Embaixadas estrangeiras informaram sexta-feira ter recebido do Governo moçambicano o projecto de um programa de paz admitindo o diálogo com a RENAMO se os seus elementos renunciarem à violência e aceitarem os princípios básicos da Constituição vigente.

MOBUTU ACEITOU SER MEDIADOR

O presidente do Zaire aceitou o pedido de media-

ção de Moçambique para ajudar a pôr termo à guerra que grassa no país — confirmou em Maputo o chefe de Estado moçambicano.

Passi Mpioosso, em servido para a agência Lusa enviado de Kinshasa, indica que, em Gbadolité, após a cimeira sobre Angola, Joaquim Chissano prolongou a sua estada para falar com o seu homólogo Mobutu Sese Seko sobre a situação preocupante que prevalece em Moçambique.

Os dois estadistas examinaram as vias e os meios para restabelecer a paz perturbada pelas forças da RENAMO, com as quais Chissano afirmou não ter contactos oficiais.

Mas, disse o presidente moçambicano, homens de boa-vontade no País estão em contacto com aquele Movimento, com o acordo do Partido Frelimo e do Governo. Só este método, frisou, pode preparar as condições para a abertura do diálogo conducente à reconciliação dos moçambicanos.

Comentando os resultados da cimeira de Gbadolité, Chissano sublinhou que a reunião foi uma vitória para todos os angolanos, uma vitória para toda a África e uma das raras ocasiões em que as pessoas não se sentiram humilhadas, mas sim como irmãos, esperançados em construir o seu país e cooperar no seu desenvolvimento.

O que se passou no Zaire serviu também para estreitar os laços entre todos os países participantes na cimeira e, sobretudo, entre Angola e certos países nos quais a paz está ameaçada, acrescentou o dirigente moçambicano.

O presidente Chissano foi o último dos 17 chefes de Estado a deixar Gbadolité após a cimeira. O seu avião, em que viajou também o vice-presidente da Tanzânia, fez escala técnica em Kinshasa antes de seguir para Moçambique.